

Talvez bombons

Se quiser ler isto como um manual de instruções, saiba que há duas versões de uma voz podendo, para entrar no jogo, supor-se uma feminina e outra masculina – o que não é certo, mas serve para o caso.

Há então aquele momento em que a tal canção deixa de se ouvir e ele (de novo uma suposição - é de si que se trata) desiste de entender a razão daqueles estranhos recém-chegados, troca de lugar com ela (novo personagem igualmente aleatório) e entra no barco branco, deixando-se ir nas águas para longe da praia. À medida que se afastam, ouvem menos a restolhada dos pássaros a lutarem pelos ninhos das árvores e a caírem quando falham, cada vez mais bravos. Mas, ainda confundidos com eles, numa fúria repentina impossível de travar, um dos dois (não interessa qual) olha para trás e, em jeito de *sniper*, atira aos maiores, repetidamente, apenas conseguindo aumentar a violência com que se debatem e devoram. Sem perder mais tempo, com um nó na garganta, contemplan os tons do crepúsculo que se afunda escuro, morno e perfumado, sobre a imagem idílica da paisagem. Da água vem a mesma melodia que toca baixinho e luzes, brilhos que se confundem com peixes voadores mas, tal como se ignora a subida das marés, não se sabe o que são. Deixam-se ir.

A segunda folha do manual diz para voltar atrás e começar de novo, por exemplo, pela tampa de uma caixa (de bombons, pode ser), como porta de um cenário sem palco que você mesmo pode atravessar numa dança muito sua (valsa, hip-hop ou vira, *twist*, tanto faz, só na aparência é a solo pois estou lá também).

O mundo é esse lugar e este o nosso *tête-a-tête*, mas as imagens desse mundo são-no apenas no sentido de constituírem provas visíveis da passagem dele por nós dois, e pela sua capacidade de fundação no nosso próprio imaginário: precário espelho, insinuante, suspeito. O delito cometido reside no próprio olhar: ele age. Mas, desde que ver se tornou um ato comunitário (tanto ou mais do que individual porque, já se sabe, cada par de olhos contém milhões de outros e a vulgaridade alastra), por culpa dele, do olhar, nada é uma única coisa: ou seja, uma pedra não é apenas uma pedra, nem uma nuvem um mero acidente no céu. O desafio então é entrar nesse abismo, ver pouco a pouco e de pernas para o ar, ir descobrindo. E aceitar que, quando se julga agarrar, se perde de novo. Porque, tal como a matéria líquida e escorregadia (feminina?), o tempo é caprichoso. Na pintura, a imobilidade é apenas corpo da suspensão impossível do tempo. Mas, se tudo correr bem, escuta-se nele nova voz subtil, numa extraordinária coincidência (de ecos?) que revela a estranha dificuldade da solidão ao eremita mais convicto.

É aí que, no manual de instruções, depois de *je viens rechercher mes bonbons*, falta a terceira página. Apenas podemos constatar os nossos personagens num miradouro talvez flutuante, ou à beira de um rio ou de um lago paradisíaco: pastam animais afáveis, alisam pratos de bombons até terem toque de cetim, alinham cores por parecenças e contrastes, pura contemplação ao som da pulsação natural nas veias, tranquila; talvez guardem essas peles coloridas e brilhantes em pacotes de diferentes formatos, que rapidamente encherão tudo, talvez com elas façam uma nova ilha, uma jangada ou uma nave que desafie as águas que tudo invadem e permita partir de novo, navegar ou voar, regressar de novo, ser, sentir, agir (?). Com a caixa, é certo, vinham flores vermelhas. Inesquecíveis como a alegria no estado puro, que mareja os olhos sem querermos. Tão *perissables*. Algo absolutamente imprescindível, e por isso.

Isabel Sabino, abril de 2014

ISABEL SABINO

Lisboa, 1955. Lic. Artes Plásticas-Pintura (ESBAL/FBAUL, 1978); Agreg./Equiv. PHD Belas Artes/Pintura (ESBAL, 1992); Agreg. Univ. (ULisboa, 1999).

Prof. ensino sec. 1976-82; estágio docente (1979); docente na ESBAL/FBAUL desde 1982, atualmente Prof. Cated. Pintura. Leccionou ainda na E.S Teatro e Cinema do IPL (2001-03) e foi dir. artística na Amascultura/Teatro Malaposta (1993-95). Membro dos centros de investigação em arte Cieba (FBAUL) e i2ads (FBAUP), e da ANBA (Academia Nacional de Belas Artes).

Trabalho artístico | Exposições (sel.):

Individuais – Viagem, (1985, SNBA, Lisboa); *História Inquieta* (1989, Gal. Ana Isabel, Lisboa); *Luzes*, (1990, G. Monumental); *A Brincadeira* (1992, Casa Bocage, Setúbal); *Lúcia não venhas tarde* (1996, Museu da Água); *Pintura*, (1997, G. Enes, Lisboa); *As jóias de Madalena* (2000, Gal. Municipal, Montemor-o-Novo); *O Dilúvio, ao vivo, em directo e em diferido*, (2001, G. Enes, Lisboa); *Infravermelhos* (2003, Museu Jorge Vieira; Beja); *Tell me lies* (2002) e *À sombra das oliveiras* (2004); G. Novo Século, Lisboa; *Logo se vê* (2007), *E os pássaros cantam* (2009), e *São rosas, meu* (2011); G. Arte Periférica, Lisboa.

Colectivas mais recentes - ArteLisboa (FIL, Parque das Nações, edições de 2007, 2008, 2009, 2010, 2011); *Arte&Natureza* (Jardim Botânico/Reservatório Patriarcal/FBAUL, Lisboa, 2009); *D'Aprés Nuno Gonçalves* (Museu Nacional Arte Antiga, Lisboa, 2010/2011); *Parergon* (Galeria Municipal de Torres Vedras, 2013).

Textos (sel.):

A Pintura Depois da Pintura. Lisboa: FBAUL, 2000; *O Homem que queria ser um artista*. Em ArteTeoria. Lisboa: FBAUL, 2006; *Uma (In)certa Natureza*. Em Arte & Natureza, FBAUL, 2009; *Rosas em Janeiro: Algumas Notas sobre Arte Política e Colectivismo*. Em Trajectos, ISCTE, 2010; *Surfing, sob um céu cor de tinta*. Algumas notas sobre a melancolia na pintura contemporânea. Em Arte&Melancolia, org. Acciaiuoli, Babo, IHA/EAC/CECL, UNL, 2011; *As flores na nossa mesa (a propósito da política na arte)*. Em Persistência da obra. Arte e Política, org. T.Maia. Assírio & Alvim, 2011; *A cadeira*. Em Fazer falar a Pintura, org. A.Q.Ferreira. U. Porto Editorial, 2011; *COLABORARE: a few thoughts on expanded authourship*. Em Relational Spaces: a new expanded field for art and thought. Org. G.V. Pinheiro, i2ads/ArtInSite: Porto/Torres Vedras, 2012; *Se eu fosse uma Guerrilla Girl #2*. Em Arte e Género. Mulheres e Criação Artística. Lisboa: FBAUL, 2012; *Com ou sem tintas: composição, ainda?* (Coord., Introdução e *Tinta: nojenta. Cor: abjeta. Pintura? Bleahh...*). Lisboa: FBAUL/CIEBA, 2013; *A pintura depois da pintura: novos desenvolvimentos. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, 2014.*

Mais imagens e informação:

<http://umbrapicturae.blogspot.pt>

<http://www.isabelsabino.com>



Centro Cultural de Belém, Loja 3, 1449-003 Lisboa
Tel.: 213 617 100 Fax: 213 617 101
ap@arteperiferica.pt www.arteperiferica.pt
Todos os dias das 10h às 20h

arteperiférica

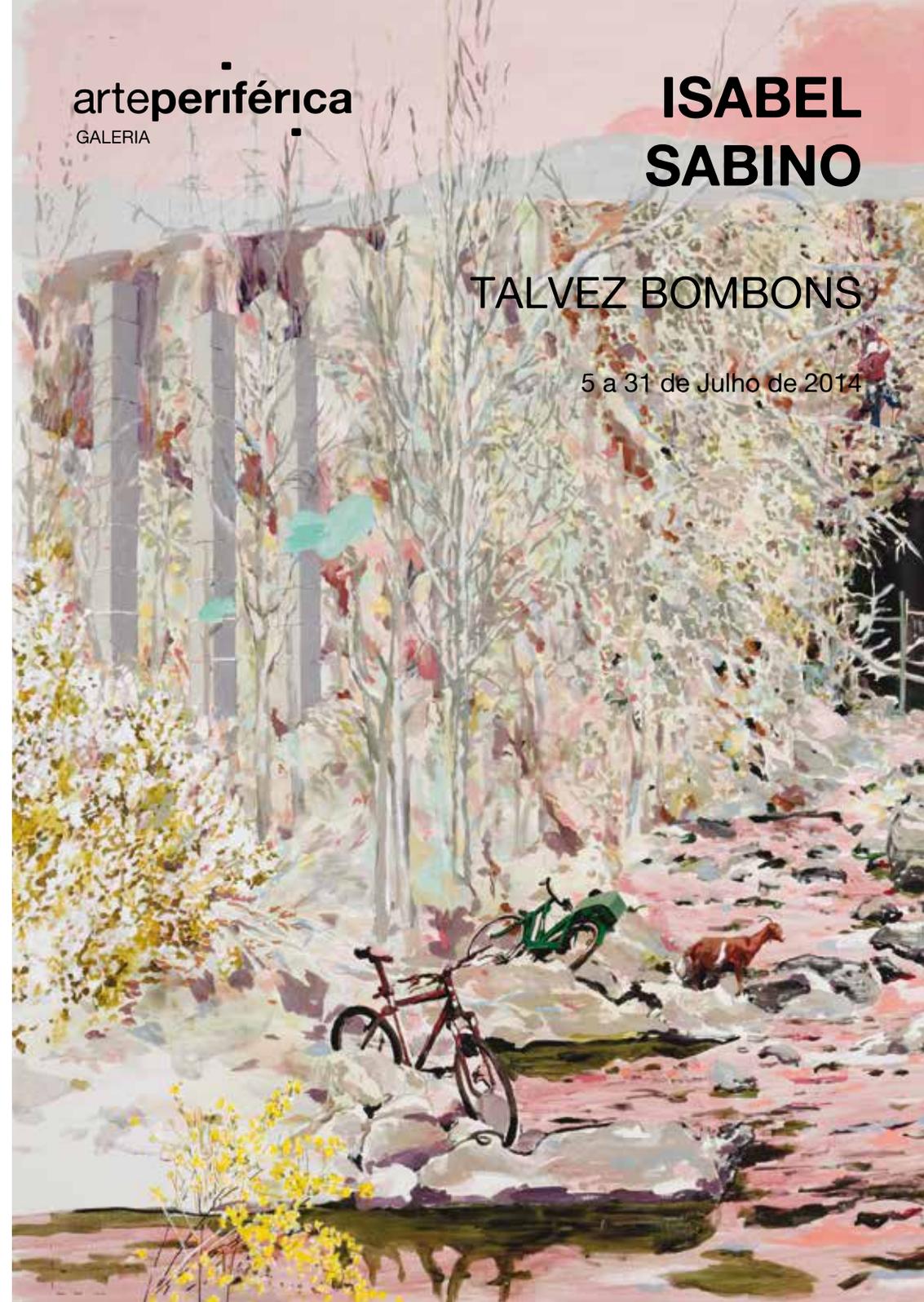
GALERIA

ISABEL SABINO

TALVEZ BOMBONS

5 a 31 de Julho de 2014

Capa: Les gens me regardent de travers (fragmento) 2014. Acrílicos s/ tela. 130x180 cm





“Les bonbons c’est tellement bon”, 2014
Acrílico sobre tela 125x195 cm



“Quel bon dimanche pour la saison”, 2014
Acrílico sobre tela 125x195 cm



“Je vous ai apporté des bonbons”, 2014
Acrílico sobre tela 125x195 cm